

(Re)criando rituais: considerações sobre arte, judaísmo e feminismo¹

(Re)criating rituals: considerations on art, judaism and feminism²

Viviane Gueller (PPGAV-UFRGS)

Resumo: Este artigo investiga aspectos poéticos e políticos relacionados ao tema da maternidade, situações que se produzem ao inventar-se mãe e cuidadora a partir da instauração de um trabalho artístico. O texto aborda a concepção e desenvolvimento de uma intervenção artística inédita de reinvenção do minian; ritual judaico marcado pelo protagonismo masculino, refere-se ao quórum mínimo de dez homens judeus adultos necessários para uma oração pública. A proposta é compor um minian exclusivamente de mulheres, reinventando e atualizando tradições, e com isso, buscando encontrar nelas sentidos atrelados a questões contemporâneas. Para ancorar estas abordagens, são tecidas relações com o feminismo judaico no trabalho da artista visual Mierle Ukeles e das salomnières judias alemãs e austríacas, além de noções propostas pelas autoras Natalie Wichmann e Charlotte Burns.

Palavras-chave: cotidiano; ritual; maternidade; cuidado; arte contemporânea.

1 Escrevo esse texto em um momento que se caracteriza por um acirrado conflito entre o Estado de Israel e o povo palestino em Gaza. Penso ser esta mais uma situação na qual se renovam perguntas que são milenares, sejam elas feitas no exílio, nos guetos, nos campos de concentração ou após a existência do Estado de Israel com todos os paradoxos que envolveram sua criação. O que é ser uma judia hoje? O que é ser uma mulher, mãe, judia, etc. hoje, e não estar de acordo com a violência da guerra, mas pela solução de paz, pelo estabelecimento de dois estados? São perguntas que reaparecem, presentes em cada geração, e vão adquirindo diferentes características a depender do contexto em que são feitas, recuperando o gesto de refletir, de pensar. De se perguntar quais perguntas fazer, como ensina a tradição judaica do Talmude.

2 I write this text at a moment marked by an intense conflict between the State of Israel and the Palestinian people in Gaza. I see this as yet another situation in which age-old questions are renewed—questions that have been asked in exile, in ghettos, in concentration camps, or after the establishment of the State of Israel, with all the paradoxes surrounding its creation. What does it mean to be a Jewish woman today? What does it mean to be a woman, a mother, a Jew, etc. today—and to stand not with the violence of war, but with the pursuit of peace, with the establishment of two states? These are questions that resurface in every generation, taking on different forms depending on the context in which they are asked, reclaiming the gesture of reflection, of thought. Of asking what questions are worth asking, as taught by the Jewish Talmudic tradition.

Abstract: This article investigates poetic and political aspects related to the theme of motherhood—situations that arise from inventing oneself as a mother and caregiver through the establishment of an artistic practice. The text discusses the conception and development of an unprecedented artistic intervention that reimagines the *minyan*—a Jewish ritual traditionally marked by male protagonism, referring to the minimum quorum of ten adult Jewish men required for public prayer. The proposal is to form a *minyan* composed exclusively of women, reinventing and updating traditions, thereby seeking to find within them meanings connected to contemporary issues. To ground these approaches, connections are drawn with Jewish feminism through the work of visual artist Mierle Ukeles and the German and Austrian Jewish salonniers, as well as through concepts proposed by authors Natalie Wichmann and Charlotte Burns.

Keywords: everyday life; ritual; motherhood; care; contemporary art.

DOI: <http://doi.org/10.47456/rf.rf.2133.50780>

Introdução

Nos últimos anos, venho pesquisando aspectos poéticos e políticos relacionados à maternidade – situações que se produzem ao inventar-se mãe e cuidadora. Este artigo aborda a concepção e desenvolvimento de uma intervenção artística inédita de reinvenção do *minian*, uma Comuna Mater a ser montada com a coleta e elaboração poética de depoimentos de no mínimo dez mulheres-mães - de diferentes faixas etárias, realidades socioeconômicas, étnico-raciais e de gênero sob o viés da interseccionalidade³. No judaísmo, *minian* é um ritual marcado pelo protagonismo masculino, refere-se ao quórum mínimo de dez homens judeus adultos necessários para uma oração pública. A proposta é compor um *minian* exclusivamente de mulheres, reinventando e atualizando tradições, e com isso, buscando encontrar nelas sentidos atrelados a questões contemporâneas. Uma Comuna Mater como lugar de escuta ancestral judaica, mas também indígena, pagão.

Este trabalho é resultado de uma imersão no universo doméstico e acadêmico, enquanto escrevia minha tese durante o isolamento imposto pela Covid-19 (2020-2021), e após um diagnóstico de câncer de mama, recebido em 2022, quando precisei me dedicar a um tratamento longo e desafiador rumo à cura. As dimensões plurais da vida estratificadas ideologicamente passaram a perder suas fronteiras – a maternidade, os cuidados de si para cuidar do outro, os cuidados com a casa e a saúde, com o trabalho de mulher-mãe-artista-doméstica-pesquisadora-etc, revelaram-se como frágeis tramas que tecem o mesmo solo cotidiano, onde todos os planos da vida se desdobram simultaneamente. Passei a ter dificuldade em separar o tempo de maternar e de trabalhar que normalmente tendemos a segmentar entre as esferas da vida privada e pública, mas que em sua realidade vivida integram o mesmo cotidiano, a rigidez dessa segmentação se revelou porosa e ativada por uma continuidade. Ao supor um aspecto poético e político na maternidade, nas situações que se produzem ao inventar-se mãe e cuidadora, passei a conversar com algumas mães, buscando estabelecer redes de interseccionalidade.

A tradição judaica ressalta a força do coletivo, a importância de se rezar em *minian*, pois somente assim há a garantia de que as preces serão recebidas – quando as pessoas se reúnem, a espiritualidade se multiplicaria. Tomando esse entendimento milenar do judaísmo, minha proposta é compor esta intervenção com no mínimo dez mães. Por ser judia, me interesso por vários aspectos da minha ancestralidade, os símbolos, os rituais, as práticas. Se para que ocorram cerimônias como a

3 Termo nascido no movimento feminista antirracista, em artigo de 1989, de Kimberlé Crenshaw, denunciando a sobreposição de formas de opressão, interseccionalidade é um conceito que descreve como fatores sociais, como raça, gênero, classe, cultura, religião, etnia, deficiência, idade e orientação sexual se cruzam e se sobrepõem. Essa interação influencia a identidade de uma pessoa e a forma como ela se relaciona com a sociedade e acessa direitos. A interseccionalidade demonstra que as discriminações são inter-relacionadas e, quando se cruzam, criam um sistema de opressão mais complexo (Akotirene, 2019).

circuncisão, o *bar-mitzvah*, o *shabat*, entre outros, é imprescindível um quórum de 10 homens judeus adultos, a maternidade me parece ser uma situação propícia à presença de um *minian* de mulheres - para que suas falas sobre cuidados de si, dos filhos, da casa, do planeta, da profissão e de diferentes trabalhos cotidianos simultâneos também ressoem em uma oração coletiva.

Sala aberta

Após o nascimento de Stela, meu primeiro contato com outras mães ocorreu em Lisboa, onde passamos um período de seis meses durante o desenvolvimento de meu doutorado sanduíche.⁴ Ela não havia completado seis meses de idade quando saímos do Brasil, e as dificuldades não foram poucas para conciliar trabalho acadêmico com trabalho materno e o puerpério que se estendia.

Nos meses finais de nossa estadia em Portugal, conhecemos a Sala Aberta, um projeto educativo de integração social de crianças entre zero e quatro anos que não frequentam instituições para a infância. Trata-se de um projeto de *playgroups* gratuitos que investem no acolhimento e cuidado das famílias com filhos na primeira infância. Em cada sessão, as crianças, acompanhadas dos seus cuidadores participam num grupo (com no máximo de 10 crianças e respectivo cuidador) e partilham experiências, dúvidas e saberes, assim como são exploradas atividades e metodologias pedagógicas.

Na Sala Aberta, vislumbrávamos a importância da conexão com a natureza ao promover a exploração como forma de autoconhecimento, autonomia e prazer. Durante as sessões, conversávamos, ríamos e chorávamos com nossas angústias, medos e alegrias. Quando retornamos ao Brasil, senti muita falta dos encontros e das partilhas. Este foi o primeiro projeto de viés mater-comunitário que tive contato e talvez a grande inspiração para o que viria. No início do período da pandemia, foram as conversas remotas e trocas com o grupo da Sala Aberta que me auxiliaram a propiciar um ambiente lúdico domiciliar para a minha filha.

Trabalho reprodutivo

Segundo a curadora e escritora Natalie Wichmann (2021), a maternidade e tudo o que ela acarreta - desde engravidar até dar à luz a criar filhos - tem sido um tema tabu durante a maior parte da história da arte. Para a artista Hannah Cooke, entrevistada por Wichmann, a maternidade ainda não se equipara a outros grandes temas das artes.

A perspectiva masculina sobre temas existenciais como vida, morte, tristeza, amor e esperança tem sido admirada e celebrada no mundo da

4 Meu doutorado em Poéticas Visuais foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 2016 a 2021, com período sanduíche na Universidade de Lisboa/Portugal. A tese está disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230139>.

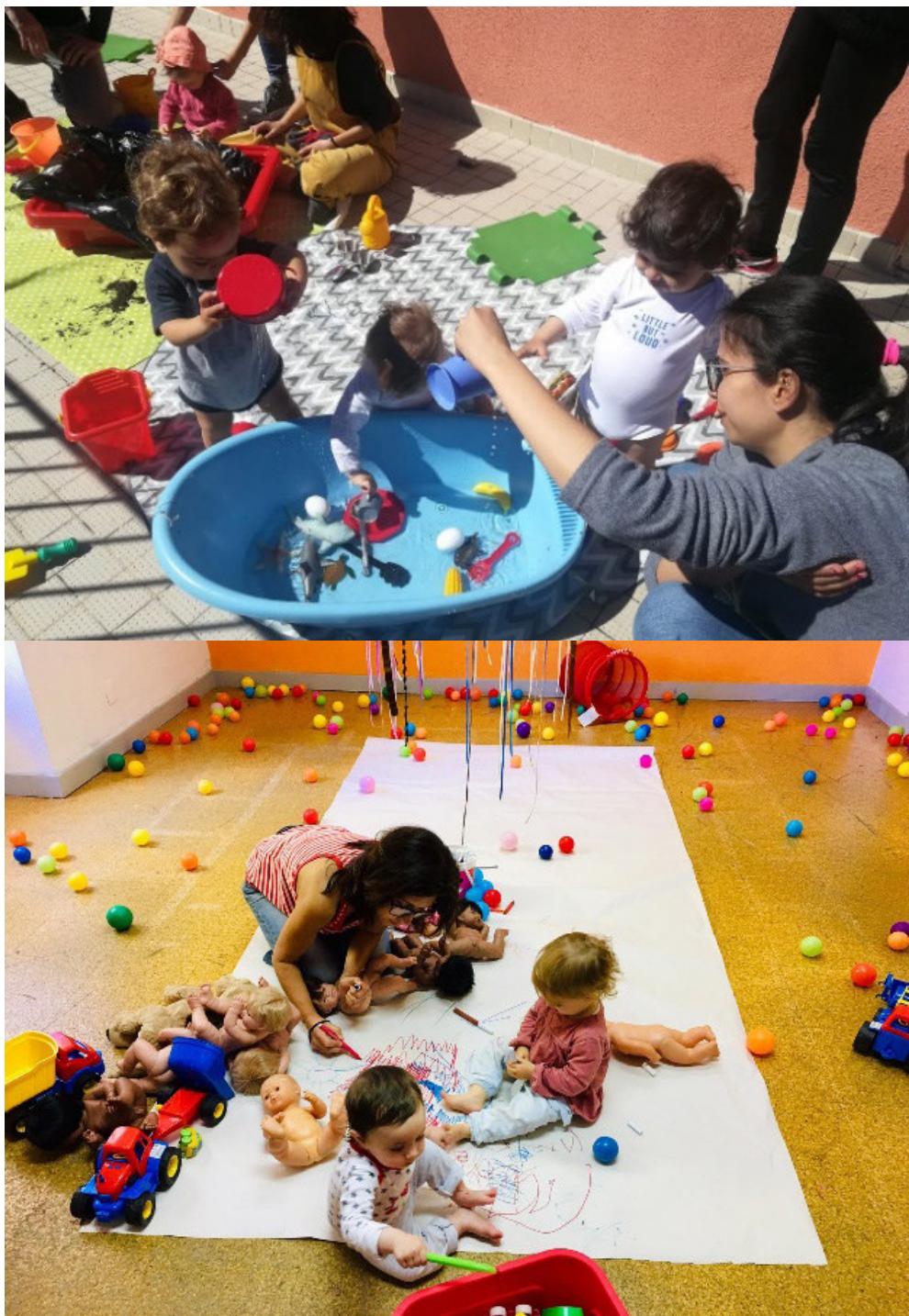


Figura 1. Registros das manhãs na Sala Aberta em Lisboa (Portugal).
Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

arte. Todas essas experiências fazem parte do nascimento e da criação de um filho, bem como uma parte existencial da nossa sociedade. Por que a perspectiva feminina sobre este mundo não é tão importante e aceita?" (Cooke, 2021, s.p.).

Em uma entrevista a Charlotte Burns, a jornalista norte-americana Jori Finkel, que realizou o documentário *Artist and mother* (2018)⁵, também afirmou considerar a maternidade um dos últimos grandes tabus no mundo da arte contemporânea. "Onde está a maternidade nos livros didáticos? Onde está a maternidade nas exposições de museus? Como seria uma história da maternidade na arte?" (Burns, 2020, s.p.).

Embora a maternidade seja indispensável à sociedade, e exija muito física, mental e emocionalmente de quem o pratica, não é um trabalho remunerado. "O trabalho de cuidado produz o trabalho que o sistema chama de 'produtivo', mas que é ele próprio considerado 'improdutivo' (Fraser, 2022, p. 67). A autora Nancy Fraser pontua que desde a era industrial as sociedades capitalistas vêm associando o trabalho de reprodução social às mulheres separado do trabalho de produção econômica, relativo aos homens – gerando uma crise de cuidados na contemporaneidade. No Brasil, grande parte das casas é de responsabilidade das mulheres, elas são as gestoras e cuidadoras, e muitas vezes a única referência da família⁶.

Em *A Condição Humana*, Hannah Arendt (1906-1975) retorna à *polis* grega para buscar as origens da estratificação social, fomentada por processos de distinção, que resultam em posição privilegiada para quem tem acesso ao conhecimento e pode se dedicar às atividades intelectuais, que ela nomeia como trabalho. Isto levaria também à depreciação e consequente achatamento social daqueles que usam o corpo como ferramenta para prover sua subsistência, atividade que ela situa no domínio do labor (Arendt, 2007).

Este princípio da não distinção, produzido pela aproximação entre labor, como atividade corporal, e trabalho, como atividade intelectual, deu-se no trabalho *Arte de Manutenção* (1969), da artista visual estadunidense Mierle Ukeles. Ela se dá conta, ao ganhar bebê e interromper a vida para mergulhar no universo de mãe recente, o quanto o trabalho laboral que passa a consumir sua rotina – dar à luz, cuidar, limpar a casa, ordenar, amamentar, banhar, cuidar-se – parecia

5 Disponível em: <https://www.mothermag.com/artist-and-mother/>. Acesso em nov. 2024.

6 Em 2022, das 72.522.372 unidades domésticas do Brasil, 49,1% tinham responsáveis do sexo feminino. A proporção representa uma mudança importante em relação ao Censo de 2010, quando o percentual de homens responsáveis (61,3%) era substancialmente maior do que o percentual de mulheres (38,7%). Por unidade doméstica entende-se o conjunto de pessoas que vivem em um domicílio particular. As informações são do Censo Demográfico 2022: Composição domiciliar e óbitos informados: Resultados do universo. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/censo-2022-em-12-anos-proporcao-de-mulheres-responsaveis-por-domicilios-avanca-e-se-equipara-a-de-homens>. Acesso em nov.2024.



Figura 2. (a) Foto: Robin Holland e (b) Foto: Vincent Russo - Mierle Laderman Ukeles Courtesy the artist and Ronald Feldman Gallery, New York. Fonte: Disponível em: <https://directory.weadartists.org/touch-sanitation>. Acesso em: 17 abr. 2025.

Figura 3. Mierle Laderman Ukeles,
Mikva Dreams,
Franklin Furnace,
New York City, 11
de janeiro de 1977.
Fonte: Disponível
em: <https://journalpanorama.org/article/mikva-dreams/>. Acesso
em: 17 abr. 2025.



colocá-la a milhares de quilômetros do estatuto que ela ocupava há pouco tempo como artista perante o grupo social de seu convívio. A partir dessa percepção, ela passa a considerar e a nomear todo o trabalho da rotina, ou seja, o conjunto de atividades domésticas e de cuidados com o bebê, como *Arte de Manutenção*, declarando-o como sua nova produção autoral. Pouco mais tarde, ao ser convidada a participar de uma exposição em Nova York, Ukeles decide trabalhar na manutenção do museu que abrigaria a mostra, limpando, tirando pó, varrendo e recebendo o público como visitas chegando em sua casa.

Um dia, nessa exposição, enquanto lavava os degraus de acesso ao museu, ela olha para a rua e vê alguns garis varrendo a calçada. A partir da revelação daqueles corpos que laboram a céu aberto na manutenção da cidade, mas que normalmente não são percebidos pelos passantes, Ukeles estabelece uma parceria com o departamento responsável pela limpeza urbana de Nova York, mergulhando por 40 anos em um trabalho colaborativo com estas pessoas que, de forma invisível e desprestigiada, mantêm a cidade.

Feminismo judaico

Se a artista visual Mierle Ukeles ficou conhecida por suas performances, incluindo *Touch Sanitation* (1979–80), na qual ela apertou as mãos e agradeceu a cada trabalhador de saneamento da cidade de Nova York pelo seu trabalho, o judaísmo somente começou a receber mais visibilidade em sua obra recentemente. O crítico de arte do *New York Times*, Holland Cotter, ao escrever em 2016 sobre a exposição retrospectiva da artista no *Queens Museum*, em Nova York, comentou sobre o contexto judaico de seu trabalho. E o ensaio principal do livro que acompanhou a exposição, escrito pela curadora Patricia Phillips, trazia aspectos judaicos de sua *Arte de Manutenção*, que não haviam sido discutidos anteriormente (Sperber, 2019, s.p.).

Quando Mierle Ukeles apresentou *Mikva Dreams* na *Franklin Furnace Gallery*, em Nova York, em 1977, foi a primeira vez que a imersão de uma mulher judia no *mikvah* foi apresentada publicamente. No judaísmo ortodoxo, o *mikvah*⁷ serve para alcançar a pureza ritual após o período menstrual, durante a qual um casal é proibido de ter contato físico. Este ritual também serve como parte do processo de conversão, que une uma pessoa ao povo judeu. Os debates feministas dominantes nos Estados Unidos durante a década de 1970 vinculavam a lei judaica referente à menstruação à visão patriarcal de que o sangue menstrual é impuro, o que levou as feministas a criticarem as leis judaicas de pureza.

Porém, Ukeles o entendia como uma continuação da religião matriarcal ancestral, e estava interessada em resgatar práticas de imersão como rituais de

⁷ Construída como uma pequena piscina, o *mikvah* é constituído por qualquer coleta natural de água corrente: lago, rio ou mar. Em áreas urbanas, utiliza-se água da chuva coletada pela força da gravidade através de um duto e misturada com água da torneira (Sperber, 2019, s.p.).



Figura 4. Exposição The place to be. Salons als Orte der Emanzipation. Museu Judaico de Viena, 2018. Fonte: Disponível em: <https://www.vienna.at/neue-ausstellung-im-juedischen-museum-wien-rueckt-prominente-salons-in-den-fokus/5803673>. Acesso em: 12 mar. 2025.

empoderamento feminino. Sentada na galeria, ela leu em voz alta um texto que havia escrito, enquanto se cobria com um lençol branco. Em sua performance, Ukeles descreveu a imersão no *mikvah* como um ato de renascimento e um retorno ao Jardim do Éden, exaltando-o como um ritual feminino de conexão interior (Sperber, 2019, s.p.).

Salonnières judias

Dois séculos antes, a partir de 1780, mulheres judias lideravam a cultura dos salões, que ocorriam em Berlim e Viena, quando o espaço doméstico passou a ser local de encontro para um ritual de conversação ao mesmo tempo estético e social, artístico e político, em um período que finalmente parecia não mais ser necessário errar. Os judeus começavam a assimilar e integrar a cultura local, alemão era a língua materna, mal sabiam hebraico - porém as mulheres eram (e seguiram sendo) amplamente excluídas da vida pública.

Para Elke Krasny, em busca de um novo papel na vida fora das estruturas patriarcais, esses salões reuniram resistências feministas que se opunham às noções estabelecidas de papéis normativos de gênero e religião, possibilitando uma emancipação feminina. “A anfitriã, que recebia convidados em sua casa e possibilitava que eles dialogassem uns com os outros, é aqui compreendida como uma curadora de conversas. [...] Ao reunir diversos sujeitos dialogando, o salão encorajava o expressar e o escutar mais que o exibir e o ver” (Krasny, 2019, p. 426).



Figura 5. Casa da salonnier Berta Zuckerkandl-Szeps (1864-1945). Reprodução da obra White Interior (1905) de Carl Moll. Fonte: Disponível em: <https://www.barnebys.fr/blog/double-record-pour-un-tableau-de-carl-moll>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Em seu livro *Jewish Women and their salons: the power of conversation*, as autoras Emily D. Bilski e Emily Braun partem da reflexão de que atualmente, quando a cultura oral está desvalorizada em favor de uma cultura de imagens, é difícil imaginar as antigas habilidades da réplica e do poder da conversa — a capacidade de divulgar e arbitrar, de moldar consensos, de unir em diálogo aqueles que normalmente não se encontrariam, quando a opinião evoluía por meio de vozes coletivas. “Como resultado, a tradição de sociabilidade igualitária do salão dobrou de importância para as mulheres judias, que tinham de superar não apenas suas diferenças de gênero, mas também religiosas e étnicas” (Bilski; Braun, 2005, p. 2).

Para as autoras, as razões para o fenômeno dos salões são muitas. Privadas da oportunidade de estudar a lei judaica, as filhas judias eram educadas em casa, e

não em escolas de conventos inferiores, como as cristãs, aprendendo música e línguas estrangeiras. “Além da educação doméstica superior, a tradição talmúdica de interpretação hermenêutica — o valor da vida intelectual — permeava o lar e influenciava a propensão da mulher judia ao diálogo e ao debate” (Bilski; Braun, 2005, p. 16). As autoras observam também a antiga função dos judeus como intermediários financeiros (uma das poucas profissões disponíveis para eles à época) e a força de sobreviver por meio da inteligência, negociação e improvisação. “Para uma nação bíblica ‘vagando no exílio’ e considerada ‘sem raízes’ pelos países anfitriões, o salão garantia um domicílio seguro e um senso de pertencimento — um lar próprio” (Bilski; Braun, 2005, p. 16).

Considerações finais

Pesquisar sobre essas *salonnières*, minhas ancestrais, me possibilita transitar os tempos, entrar em contato com uma situação na qual as famílias mistas e a interseccionalidade eram também características da diáspora. Especificamente empreendida por mulheres interessadas em uma sociedade na qual as pessoas eram respeitadas por suas qualidades e singularidades, e não apenas por suas origens.

Penso que a construção desta Comuna Mater se coloca como uma atualização da cultura da *salonnière*, uma curadoria de conversas no contexto contemporâneo a partir da minha identidade cultural judaica, assim como na obra de Mierle Ukeles. Mesmo considerando as diferenças entre nossos dias e a época de ocorrência de seu trabalho, momento de emergência de várias questões já incorporadas pelo campo da arte, além das diferenças entre nossas práticas em si, acredito que a ideia de uma arte de manutenção ainda é potente e atual. Sua abordagem ritualística do *mikvah*, assim como a que busco ao reinventar o *minian*, se propõem a um trabalho interseccional de manutenção da vida, em um contato poroso com questões judaicas, feministas e artísticas contemporâneas.

Referências

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BILSKI, Emily D.; BRAUN, Emily. Jewish Women and Their Salons: The Power of Conversation.** New York and New Haven: Yale University Press, 2005.
- BURNS, Charlotte. Transcript #74 On the Ground in L.A. [In other words, Sotheby's.](#) 2020. Disponível em: <https://www.sotheybys.com/en/articles/transcript-74-on-the-ground-in-l-a>. Acesso em 12 dez. 2024.
- FRASER, Nancy. **Capitalismo canibal**. São Paulo: Autonomia literária, 2022.

GARCIA, Carolina Gallo. Mierle Ukeles entre a arte e o trabalho de manutenção. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/62488>. Acesso em 25 nov.2022. Acesso em: 8 dez. 2025.

GUELLER, Viviane. **Imagen-Experiência**: uma ação poética entre brechas da vida cotidiana. (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

KRASNY, Elke. Reunindo feministas resistentes: curadoria de salões e de jantares. In: PEDROSA, Adriano, CARNEIRO, Amanda, MESQUITA, André (Orgs). **História das mulheres, histórias feministas: antologia**. São Paulo: MASP, 2019.

SOMMER, Michelle Farias. Maelhação: mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc. e o sistema das artes. **Arte & Ensaios**, vol. 28, n. 44, jul.-dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/56431>. Acesso em 02 out. 2024.

SPERBER, David. Mikva Dreams: Judaism, Feminism, and Maintenance in the Art of Mierle Laderman Ukeles. Panorama: **Journal of the Association of Historians of American Art** 5, no. 2 (Fall 2019), <https://doi.org/10.24926/24716839.1958>. Disponível em: <https://journalpanorama.org/article/mikva-dreams/> Acesso em: 14 abr. 2025.

WICHMANN, Natalie. Motherhood and art. Where is the solidarity? **Schirnmag**, 2021. Disponível em: https://www.schirn.de/en/magazine/interviews/2021_interview/motherhood_and_art_where_is_the_solidarity/. Acesso em: 20 out. 2022.

Viviane Gueller

É artista visual, jornalista e mãe da Stela. Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/Ufrgs com período sanduíche na Universidade de Lisboa/Portugal. Mestre em Artes Visuais na mesma instituição. Foi premiada pelo Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª edição (2015). Em 2012, participou da Mobile Radio da 30ª Bienal de São Paulo.

E-mail: vigueller@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6078151711974524>

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6878-4225>